

Pós-modernidade

A Estética do Corpo: um problema pós-moderno

Célia Martins da Costa – Graduando em Filosofia

Universidade Presbiteriana Mackenzie

Resumo

A sociedade pós-moderna tem suas estruturas sócio-culturais fascinadas pelo imediatismo do prazer que dá formas de satisfação para todos os tipos de problemas existenciais do homem, considerados como hedonistas. O homem deseja modificar-se para mostrar-se perfeito ao mundo, a partir da idealização da perfeição do outro. Deste modo demonstra como o homem contemporâneo se encontra preso aos padrões que lhe são oferecidos. O outro aparece como forma ideal de beleza. No entanto, o problema não está na procura de um corpo de proporções consideradas perfeitas, mas no significado existencial que este homem tem sobre o seu corpo, uma vez que seu corpo obtém valor de um produto qualquer. Assim, é preciso questionar a relação entre formas hedonistas vinculadas ao corpo e o significado do que é o belo nas chamadas sociedades pós-modernas. Dessa maneira, a partir do quarto capítulo de *Ser e Tempo* de Heidegger pretendemos demonstrar porque o corpo na pós-modernidade se modifica constantemente.

Palavras-chave

Pós-modernidade, Corpo, Martin Heidegger.

Abstract

The post-modernity society has its social-cultural structure for the immediate pleasure that gives kinds of satisfaction for all the problems of human being existence, considered as hedonists. The man wishes to change his body to show himself perfect to the world. This perfection is born from the wish that man has when he looks another man. Thereby it proves as the contemporary man is tied up inside standard pattern offered to him. The other appears as ideal kind of beauty. Thus, the problem is not the search of the perfect body, but the existential meaning man has about his

body, as his body acquire worth of any product. Thus, it is necessary to ask ourselves about the relationship of hedonists shape of body and the mean of beauty in the post-modernity society. Therefore, we pretend to prove, with basis in the fourth chapter of *Being and Time* of the Martin Heidegger, why the post-modernity body always changes its original shape.

Key-words

Post-modernity, Body, Martin Heidegger

Introdução

No presente texto abordamos a problemática vivida pelo homem pós-moderno, o qual modifica constantemente as formas originais de seu corpo, mudanças essas que são feitas através das técnicas cirúrgicas, visando o aprimoramento estético do corpo. As análises nesse texto terão como base principal o quarto capítulo da obra de Martin Heidegger: *Ser e Tempo*, texto de 1927, em que o filósofo busca compreender o homem a partir do “ser do ente”, isto é, de seu próprio ser.

No entanto, esta ação de modificação técnica ocorre porque o homem acredita ser necessário sofrer modificações para obter valor frente aos outros homens. Além disso, este tem como concepção que ao realizar as modificações obterá a perfeição, permitindo-lhe relações e prestígios com os outros, uma vez que o belo é agradável ver e conviver.

O corpo passa a copiar os vários outros existentes, realizando uma constante modificação, com a infinita insatisfação. O que resulta na banalização do corpo e das modificações técnicas realizadas por este. O ato de banalizar refere-se ao desrespeito do homem para com o seu corpo, uma vez que o corpo perde a importância; adquirindo assim tão somente uma função prazerosa imediata.

A cirurgia plástica atinge proporções extremas, em que uma pessoa faz tantas modificações em seu corpo ou rosto que resulta pela perda total da “expressão natural”.

Ao longo da história cultural é notória a ação do homem em agregar símbolos, signos ou modificar a forma original de seu corpo. Desde a antigüidade existe esta prática de modificação e

agregação de utensílios ao corpo humano, em que estes utensílios possuem o propósito de reafirmar o homem dentro da sociedade a qual pertence. Porém estes signos e símbolos possuem significados variados, podendo um mesmo símbolo ter finalidades diferentes dentro de variadas sociedades. Os traços acrescentados ao corpo podem possuir fins: religiosos; sociais (como os ritos de passagem) ou simplesmente existirem como demonstração da participação do indivíduo numa dada cultura. A partir disso, o corpo traz consigo valores e funções, demonstradas através das marcas impressas em seu corpo, as quais determinam o grupo, a classe e a função que este homem pertence dentro da comunidade. Então, o corpo passa a obter função registradora da sociedade, em que a partir de seu corpo, o homem exprime a história desta, como: os ritos de passagem, as guerras sofridas, o cargo social exercido, entre outros traços históricos de sua cultura-social. Estes signos e símbolos são demonstrados no corpo através de: desenhos, rasgos, arranhões, perfurações ou queimaduras na pele dos homens que compõe a sociedade em questão.

O período pós-moderno é marcado pelo desrespeito do homem para com seu corpo, tendo em vista que uma grande maioria da população ao realizar uma dieta não a realiza visando à saúde, tanto nesta prática como na cirurgia plástica, almeja tão somente o culto ao corpo. Portanto, ao dizer culto ao corpo não estamos nos referindo a um padrão único de beleza, pois conforme veremos abaixo, o padrão de beleza inexistente na sociedade pós-moderna. O homem pós-moderno visa tão somente o aprimoramento estético de seu corpo para com isso conseguir prazer e socialibilidade. Quanto às modas “relâmpagos”, nos referimos às modificações superficiais realizadas pelo homem, como: roupas e acessórios (piercings, alargadores, tatuagens), em que o indivíduo demonstra-se, através de sua roupa, ser a favor de uma dada ideologia, quando na verdade ocorre o inverso. Desta forma, afirmamos ser o homem pós-moderno superficial, pois se utiliza de signos e símbolos não pelos valores reais que estes possuem, mas para acompanhar a moda vigente, uma vez que ele está sendo mimese do outro. Veremos com Heidegger que isso ocorre porque o sujeito encontra-se em um modo de ser superficial.

O homem pós-moderno busca o domínio da técnica, porém, não a consegue e é por ela dominado, isto porque o sujeito segundo Heidegger não se preocuparia com a essência da técnica, pensando ser esta a mesma coisa que a própria técnica, quando na verdade não o é. A técnica segundo Heidegger é a desabrigação da forma original. Sobre a técnica afirma Heidegger:

[...] tudo reside em pensarmos e protegermos, na memória, o emergir. Como isso acontece? Sobretudo quando avistamos a essencialização na técnica e não apenas fitamos a técnica. Enquanto representarmos à técnica como um tipo de causalidade, essencializa e, então, experimentaremos esta essencialização como o destino de um desabrigar. (HEIDEGGER – 2007 p. 394)

Heidegger não é contra a técnica, ao contrário, é contra a utilização da técnica sem os devidos conhecimentos da técnica, assim é preciso saber qual a essência da técnica que é diferente da técnica vislumbrada pelo homem.

Mas o belo na cultura pós-moderna está relacionado à técnica, tendo em vista que qualquer pessoa pode modificar-se e moldar-se de acordo com seu desejo e vontade. Sobre o belo afirma Hegel, em sua introdução à *Estética*: “tudo quanto provém do espírito é superior ao que existe na natureza”, assim o natural, ou seja, o corpo humano que é fruto da natureza não pode ser belo, pois tal inalteração não é resultado da mente humana (espírito), não podendo enquadrar-se no caráter de belo. Dessa maneira, o corpo modificado jamais será belo.

Quiça, o caráter confiança é importante, entretanto não é a única razão destas constantes modificações. Outro fator determinante para esta ação do corpo é a inexistência de um padrão único de beleza, o que há é a ação de mimese, ou seja, cópia do outro. O sujeito ao comparar-se aos outros vê-se imperfeito e passa a querer ser igual ao outro. Porém, como o sujeito se compara com todos e não somente a um, quer ser todos e finda por não ser nenhum. Esta ação leva o homem pós-moderno ao campo da impessoalidade, por esta razão o estudo de Heidegger vai ao encontro da problemática relacionando à modificação corpórea que ocorre no homem pós-moderno. Tendo em vista, que o indivíduo age de modo impessoal sobre seu corpo, não se preocupando em quantas vezes ou quais as modificações serão necessárias para atingir um suposto bem estar. Assim, analisaremos a problemática do corpo dentro de seu contexto, isto é da pós-modernidade para que possamos responder a questão: Porque este homem tem se utilizado de artifícios externos para a modificação estética do seu corpo?

A seguir apresentaremos algumas ações ocorridas na pós modernidade, que foram marcantes para os avanços e retrocessos do sujeito.

Como a pós-modernidade vê o homem e como este se vê na pós-modernidade

Toda época possui mudanças, contudo na pós modernidade as mudanças, ao mesmo tempo em que se completam, se contradizem, pois, como veremos abaixo, um elemento nega outro elemento. Outra característica são as mudanças de caráter particular, em que o consumismo e o fetichismo¹, já apontado por Marx no século XIX, têm grande importância, para a obtenção do hedonismo.

O período de 1950 a 1973, denominados por vários historiadores como pós-modernidade, é vislumbrada pela alta produtividade e pelo consumismo, sendo explicado pela baixa do preço do petróleo, custando o barril menos de US\$ 2,00 dólares, esta ação acarreta na diminuição dos preços dos produtos e aumento exorbitantemente do consumo de mercadorias que na maioria das vezes são desnecessárias, mas que o sujeito (consumidor) passa a buscar nesta aquisição não mais a utilidade do produto de outrora, mas a satisfação do sujeito enquanto ato de consumir e obter prazer ao comprar.

Nesta época há a criação, desenvolvimento e choque entre as diferentes ideologias presentes, como: hippies, socialistas, comunistas, capitalistas, hedonistas, entre outras. Estas ideologias possuem diferentes concepções sobre: família, sociedade e indivíduo. Para Jair Ferreira, o mundo pós moderno sofre com a decadência das ideologias modernas, desembocando num ambiente desfavorável, ou seja, sem moral ou parâmetro estabelecido. Neste momento tudo é permitido ao sujeito. O sujeito é influenciado a consumir tudo, para a consolidação do hedonismo. A respeito disto cito Jair Ferreira:

O choque entre a racionalidade produtiva e os valores morais e sociais fica mais acentuado na pós-modernidade porque a tecnociência invade o cotidiano com mil artefatos e serviços, mas não oferece nenhum valor moral além do hedonismo consumista. (Ibid. p.73)

A globalização imprime um caráter dinâmico na sociedade. Como o “clique do mouse” que dá acesso para o homem a diversas e diferentes informações presentes no mundo, além de livre

¹ Segundo o Dicionário de Filosofia de Nicola Abbagnano Fetichismo refere-se a “crença no poder sobrenatural ou mágico de certos materiais.” (Abbagnano – 2003. p. 439)

acesso as pessoas. Dessa maneira, a máquina tão criticada na modernidade industrial transforma-se agora em necessidade básica para o sujeito pós-moderno manter-se informado, a nova sociedade vive pautada no computador e na tecnologia. Outro ponto presente na globalização são as multinacionais, empresas com atividades industriais e comerciais presentes em vários países.

Estas ações fazem do homem cada vez mais e mais obter um caráter superficial das coisas do mundo, vendo o outro homem como meio para se adquirir algo e não como fim em si. Então, o outro tem função e utilidade para o homem.

A análise do Ser do homem em sua instabilidade

Após a análise dos acontecimentos históricos presentes na pós-modernidade, podemos verificar que o sujeito é instável, pois recebe diversas informações, em que estas em sua maioria são fragmentadas, e concepções de modos de ser. Um dos fatores que gera esta confusão é a existência de vários centros na pós-modernidade e identidades para os indivíduos, o que torna o homem confuso e indeciso para com suas escolhas.

O campo pós-moderno oferece informações sobre tudo a seus indivíduos, porém estas informações fragmentadas dão-se em um curto espaço de tempo para a quantidade excessiva de conteúdo a ser passado, em que estas provocam a não assimilação por parte dos indivíduos. No entanto, os homens que recebem as mensagens qualificam-as como verdades absolutas, únicas existentes. O homem pós-moderno acredita estar sendo bem informado pelos meios de comunicação, de modo geral, acredita possuir um caráter ativo na sociedade, quando na realidade é passivo, tendo em vista que aceita todas as informações sem as questionar, conferir, verificar ou analisa-las. Dessa maneira, o corpo assim como o intelecto recebe as informações com o intuito de persuasão. O corpo recebe informações que visam à modificação de sua forma original, em que as mensagens possuem um conteúdo comparativo dele com o outro. Assim, um indivíduo natural, em sua forma original é mostrado como sem brilho, sem graça e feio, enquanto que este mesmo posteriormente é mostrado com transformações tem um caráter de beleza, alegria, satisfação e brilho, projetando no observador a vontade de modificar-se também.

No estudo de Jair Ferreira, o mundo pós-moderno sofre com a decadência das ideologias modernas, desembocando num ambiente desfavorável, pois se trata de um ambiente sem moral ou parâmetro estabelecido. Neste momento tudo é permitido ao homem, que se usa dos avanços tecnológicos para tornar-se o que não é. Este homem influenciado a consumir, espera nos produtos utilizados obter o hedonismo, em que o prazer imediato lhe proporcionará bem estar. Jair Ferreira dá uma importante afirmação sobre a pós-modernidade:

O choque entre a racionalidade produtiva e os valores morais e sociais fica mais acentuado na pós-modernidade porque a tecnociência invade o cotidiano com mil artefatos e serviços, mas não oferece nenhum valor moral além do hedonismo consumista.
(Jair Ferreira – 2000, p.73)

A partir da análise da pós-modernidade, verificamos que a problemática da modificação estética do corpo refere-se a um caráter existencial, uma vez que o homem vê a necessidade de modificar-se frequentemente e rapidamente. Essa é a forma que analisaremos a modificação técnica realizada sobre o corpo do homem. E para este estudo será utilizado o quarto capítulo da obra *Ser e Tempo* de Martin Heidegger.

Primeiramente é necessário compreendermos o que Heidegger entende por caráter existencial. Para o filósofo o modo existencial está atrelado à forma do ser, presente no sujeito. Sua formulação pertence ao estudo iniciado por seu mestre Edmund Husserl, em que o termo “ser” é algo “existente que nós próprios somos constantemente, e que, entre outras, tem a possibilidade de perguntar, indicamo-lo pelo termo ser-aí (Dasein)” (Heidegger – 1988 p. 30). Já o “ser-aí”, quer dizer, a possibilidade dos modos de ser.

Daí, o homem ser livre, pois este mesmo homem possui abertura para as possibilidades existentes de “ser”. Heidegger afirma que o homem tem total liberdade para escolher o seu próprio “ser” dentre as várias possibilidades existentes.

No entanto, é preciso que o homem, segundo Heidegger questione o “quem” de seu “ser”, pois caso isso não seja feito este homem tende a não definir-se, ficando na medianidade do mundo, ou seja, na superficialidade das escolhas que faz.

[...] a pergunta quem só pode ser respondida na de-monstração fenomenal de um determinado modo de ser da pre-sença. (HEIDEGGER – 1988. p.168)

O homem, para o filósofo, é um ser-do-mundo, isto é, possui seu “ser” que interage com o mundo, e é a partir desta interação que o sujeito determina seu “ser”. Assim, no mundo ocorrem as relações do “ser” do homem com o mundo e com o “ser-do-outro”, o outro é um outro homem (um co-pre-sente), as pre-senças a partir deste contato se percebem, se comparam e se modificam.

A fragmentação da pós-modernidade gera um indivíduo de caráter superficial que se relaciona de forma impessoal com o mundo, e igualmente em relação com seu próprio ser e conseqüentemente seu corpo. Dessa maneira, o homem ao buscar o prazer imediato não se preocupa com os resultados de suas ações desrespeitosas para com seu corpo, como a falta de nutrientes ou o exercício físico para a manutenção de seu corpo, mas tão somente busca o imediatismo do prazer de ser magro ou ser o que é ditado pela moda vigente.

Daí a importância da obra *Ser e Tempo*, para a análise da concepção que o homem pós-moderno tem sobre seu corpo. O homem, afirma Heidegger, não se pergunta sobre quem é o seu próprio ser. O ser modifica suas abstrações existenciais, assim esta perda de si próprio pelo “ente” (homem). Para a compreensão do “quem”, o filósofo, fragmenta o sujeito em dois pontos, de um lado sua análise ôntica, em que o eu é caracterizado como ser, e do outro lado, no ontológico em que o eu é uma indicação formal, isto é, o “ser-aí” é um fenômeno podendo demonstrar-se contrário ao seu próprio “ser”, então o “ser-aí” não demonstra sua essência, mas sim seu modo de ser. O “ser” não é definido seu formato no presente instante de seu nascimento, bem como nenhum homem é isolado dos demais homens, pois todos estão dentro do mesmo mundo. A respeito do “quem” é possível que o ser presente no “ente” que se apresenta como existência possa nos esclarecer. Assim o quem só pode ser demonstrado fenomenalmente.

Ao analisar a relação e compartilhamento do mundo entre o “ser-com” e o “co-pre-sente” que estão localizados no mundo, Heidegger inicia o argumento dizendo que o homem possui um “ser” que é dado. Entretanto, no texto *Ser e Tempo*, há uma análise mais profunda, em que Heidegger afirma que somente a concepção de “ente” é dada, desta forma é possível identificarmos a diferença entre um cachorro e um homem, pois estes possuem “entes” diferentes. Porém o ser de cada homem “não são algo simplesmente dado e nem algo à mão. São como a

própria presença libertadora – são também ‘co-presenças’”, ou seja, possibilidades livres que devem ser escolhidas pelos homens (HEIDEGGER – 1988. p.169). O “ente” relaciona-se com a “co-presença”, entretanto esta relação não é dada, mas uma consequência inevitável, tendo em vista que todas as presenças estão dentro do mesmo mundo. O filósofo dá como exemplo, o ato de encontrar o outro “junto ao trabalho”, isto porque todo o “ente” está no mundo, assim tendem a encontra-se e relacionar-se em diversos lugares.

Desse modo o homem ao interagir-se com o outro, passa a desejar ser o outro e como é impossível ser o outro, este passa a imitar o “ser co-pre-sente”. Como a cópia do outro é imperfeita este passa imitar diversos outros na esperança de atingir a perfeição, porém eu resultado é a negação do seu “ser”. O homem que está à procura do prazer, esperando possuir a partir da cópia do outro, não o adquire. Consequentemente finda pela negação de sua própria existência, uma vez que se torna cópia de vários outros, que é adquirida a partir do momento em que o homem passa a imitar a todos sem questionar sobre quem de seu próprio “ser”. Essa ação traz ao homem pós-moderno a impessoalidade, a superficialidade do eu. E esta ação se dá na tentativa do ente querer ser perfeito como o outro lhe parece.

A relação do “pre-sença” (homem) com a “co-pre-sença” (outro) provoca a ação de mimese (cópia do outro), porque o homem procura através da relação com os outros determinar seu próprio eu, contudo esta “pre-sença” não possui acesso ilimitado e completo ao “ser-do-outro”, mas somente aparente e superficialmente, assim o homem ao copiar o outro não tem a cópia exata do outro, mas somente uma tentativa incompleta, o que não gera prazer, que é logo abandonado e substituído por outra tentativa de cópia tendo agora outra “pre-sença” como objetivo.

De acordo com a análise aqui desenvolvida, porém, o ser com os outros pertence ao ser da pre-sença que, sendo, está em jogo seu próprio ser. Enquanto ser-com, a pre-sença “é”, essencialmente, em função dos outros. (HEIDEGGER – 1988. p.175)

Desta forma, a resposta a nossa questão tem diversas respostas, porém a mais importante é a relação do homem consigo e com o mundo que o cerca. Daí que Heidegger ao questionar o “quem” do homem passa a desempenhar papel de protagonista na problemática da modificação do corpo do homem pós-moderno, uma vez que o homem tem a possibilidade de escolher, porém

não escolhe somente uma, mas sim escolhe todas as possibilidades findando por não escolher nenhuma.

A impessoalidade presente no ente, refere-se ao ato do homem relacionar-se com o “outro” e a partir desta ação o homem perde seu “ser-próprio”. Heidegger atribui esta impessoalidade a facilidade dos objetos presentes no mundo, assim a facilidade na comunicação, na locomoção, dentre outras facilidades geraria a impessoalidade, tendo em vista que ao realizar estas ações o “ente” nega-se e coloca-se no lugar do outro.

A busca do eu é confundida com a necessidade de obter o corpo ideal. Esta busca leva ao homem ao completo niilismo, tendo em vista que há a total negação do seu eu para mimese do outro, assim o homem se auto-anula, isto porque, deixa de ser ele mesmo para ser os outros incompletos.

Como o homem não adquire o prazer esperado ao copiar o eu do outro este volta-se para outro homem também existente no mundo. Isto ocorre porque o eu quer uma pseudo-solução pronta e rápida e que o traga satisfação. Mas será que haveria um fim ou uma solução tão instantânea para o homem? Heidegger, no início do século passado, tratou em seu livro Ser e Tempo, sobre a impessoalidade que o homem pós-moderno estava e que ainda está, afirmando que a impessoalidade faz o homem viver na medianidade, e desta forma perder a consciência do seu eu verdadeiro. Assim, Heidegger diz:

A tendência do ser-com que denominamos de espaçamento funda-se no fato de que a convivência, o ser e estar um com o outro como tal, promove a medianidade. Este é um caráter existencial do impessoal. Em seu ser, o impessoal coloca essencialmente em jogo a medianidade. (Heidegger – 1988. p. 179)

Desta ação decorre a dissolução de todas as pre-senças existentes e a construção de um novo modo de ser, porém impessoal. Este “ser impessoal” realiza todas as suas ações impessoalmente.

Todavia o objeto de Heidegger é identificar o quem, então com base em todas as análises anteriores a respeito o “ser”, o filósofo, afirma que o quem é o “impessoal”, como o impessoal não possui um único modo mas todos, isto resulta em nenhum, o quem é ninguém.

Todo mundo é outro e ninguém é si próprio. O impessoal, que responde à pergunta quem da pre-sença cotidiana, é ninguém, a quem a pre-sença já se entregou na convivência de um com o outro (Heidegger – 1988. p 181)

No entanto o impessoal não é um modo universal presente nos sujeitos eles “são casos fatuais simplesmente dados de um gênero” (HEIDEGGER – 1988. p.181). Sendo impessoal, cada sujeito deixa de ser si mesmo, localizando-se dispersa na impessoalidade, tornando-se um próprio “impessoal” dentro da impessoalidade presente no mundo.

O caráter da mimese faz-nos concluir que o homem pós-moderno encontra-se alienado, porém, este homem tem completa consciência da não veracidade da imitação que realiza, entretanto esta simulação do real lhe traz prestígio perante os outros a sua volta, acreditando possuir um prazer que nunca lhe seria possível mediante seu corpo original.

Na esperança desse mundo colorido, que é a perfeição de seu corpo, resultando a conquista do prazer, o homem aceita viver a simulação do real, conhecida também por Sociedade do Espetáculo, em que tudo é moldado e fantasiado de acordo com a imaginação e ilusão do homem pós-moderno.

O princípio do fetichismo da mercadoria, a dominação da sociedade por “coisas supra-sensíveis embora sensíveis”, se realiza completamente no espetáculo, no qual o mundo sensível é substituído por uma seleção de imagens que existe acima dele, e que ao mesmo tempo se fez reconhecer como o sensível por excelência. (Guy Debord – 1997. p.28)

Desta forma, o homem ao conviver com outro, passa a desejar ser igual ao outro, isto porque o outro lhe aparece melhor e mais feliz que ele. No entanto, isso não é real, isto porque ao copiar o outro, o homem será somente a cópia do outro e não ele mesmo, uma vez que para a realização desta copia não é questionado sobre o quem da “co-pre-sente”, bem como de sua própria “pre-sença”. Logo é a imitação não está de acordo com a verdade. Heidegger afirma sobre o conceito de verdade:

O verdadeiro, seja uma coisa verdadeira ou uma proposição verdadeira, é aquilo que está de acordo, que concorda.
(HEIDEGGER – 1973 p. 133)

Esta constante modificação do corpo do homem pós-moderno gera a desvalorização e banalização do corpo. Outrassim, traz ao corpo uma conotação do produto, uma vez que este é modificado, descartando a forma anterior apresentada, sem a menor preocupação ou respeito, para com o corpo. Outro problema é a negação ao real e valorização do espetáculo, por esta razão o homem tem mais apreço pelo irreal, pois este se encontra na impessoalidade, não mantendo com o homem qualquer compromisso, isto é, envolvimento. E finalmente, este caráter impessoal isenta o homem de sofrer a angústia, característica positiva que faz o homem pensar sobre suas ações, tendo em vista que é através da angústia que o homem encontra-se consigo mesmo.

O problema da idealização do belo, não está na procura de um corpo de proporções consideradas perfeitas, mas no seu significado existencial. O culto exagerado ao corpo pode gerar formas patológicas no que se refere à vida do humano. Deste modo, é preciso questionar a relação entre formas hedonistas vinculadas ao corpo e o significado radical do que é belo nas chamadas sociedades pós-modernas.

Conforme apontado por meio da historicidade o ambiente apresenta-se hostil para com seus indivíduos, uma vez que é valorizada a individualidade do sujeito sobre todas as outras coisas, outro ponto que desfavorece é a dinâmica da pós-modernidade, todas as coisas não são duradouras, tudo é muito rápido. A beleza vira produto de compra para o sujeito, e este o consome por buscar a satisfação e o prazer.

O homem pós-moderno modifica seu corpo a partir do não questionamento do “quem” de seu ser, uma vez que este questionamento não lhe oferece prazer, mas angústia. Esta angústia é vista por Heidegger como uma ação positiva para que o homem possa se compreender e fazer suas escolhas. Entretanto, este texto pretende tão somente levantar quais fundamentos e conceitos que levam o homem a tal superficialidade em relação à busca de uma perfeição corporal.

Referências:

Livros:

ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. 4ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ANDERSON, Perry. *Origens da Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. 4ª edição. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007.

HEGEL, *Estética*. Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1990.

HEIDEGGER, Martin. *A essência da Verdade*. São Paulo: Nova Cultural, 1990 p. 149-170.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Rio de Janeiro: Vozes, 1988.

HOBBSAWN, Eric. *Era dos Extremos: Século XIX e XX*. 13ª edição. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

TOYNBEE. *A Study of History*. Vol 8. Londres, 1934 p. 338.

Revistas:

BUCHALLA, Anna Paula. *Quando o belo...ganha a máscara da plástica*. Veja. São Paulo, ano 41, n. 26 p. 110-121, jul/2008.

GALLI, Marcelo. *Libertas quae será tamen*. Filosofia: Ciência e Vida. São Paulo, ano I, n. 3, p.61, já. s.d.

HEIDEGGER, Martin. *A Questão da Técnica*. *Scientle Studia*. São Paulo, v. 5 n.3, p. 375-98, 2007.